

# ANÁLISE DA ECONOMIA LEITEIRA BRASILEIRA

*Sebastião Teixeira Gomes<sup>1</sup>*

## 1. INTRODUÇÃO

O documento ora apresentado constitui uma breve análise da economia leiteira brasileira. Ele é dividido em quatro segmentos: caracterização da pecuária, desempenho recente; dano da competição desigual e perspectivas do setor leiteiro.

Quanto à caracterização foram ressaltados os seguintes elementos: segmentação tecnológica, instabilidade de preços, natureza do investimento e perecibilidade do produto.

Quanto ao desempenho do setor leiteiro, os dados indicam melhorias consideráveis, mesmo em condições desfavoráveis ao produtor. O ano de 94, especialmente após o plano real, serviu para mostrar a grande capacidade de reação do produtor de leite. Bastou estabilizar a economia e evitar a entrada de importações subsidiadas de derivados lácteos para que a produção de leite do País crescesse 3,7% ao ano.

No que se refere ao dano de uma competição desigual, os dados disponíveis dão uma boa idéia da magnitude do subsídio da CEE e das dificuldades de concorrência do produtor brasileiro. Em relação ao Mercosul o ponto mais importante é a diferença da carga tributária, que no Brasil é muito maior que a da Argentina. Isso também torna desigual a competição.

Finalmente, quanto às perspectivas, elas são boas, caso não apareçam interferências externas que dificultem a tendência de melhoria do setor leiteiro brasileiro.

---

<sup>1</sup> Professor Titular da UFV. Escrito em 19/01/95. Trabalho solicitado pela ABPLB e FAESP para reunião com Dr. Milton Dalari realizada em 30/01/95.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DA PECUÁRIA LEITEIRA

### a) Segmentação tecnológica e baixa produtividade

Uma das características importantes da pecuária leiteira nacional diz respeito a segmentação tecnológica. Ao lado de sistemas de produção tecnificados e eficientes existem outros com tecnologia tradicional e de baixa produtividade. A participação relativa dos produtores de primeiro grupo (tecnificados) na oferta de leite aumentou nos últimos anos; entretanto, os do segundo grupo (tradicionais) são mais numerosos. Isso significa que, embora a produtividade leiteira do rebanho brasileiro tenha aumentado, ela continua baixa, em termos globais.

A elevação da produtividade é reconhecida como o melhor caminho tanto para reduzir os custos de produção, quanto para aumentar a produção de leite, visto que as potencialidades do modelo de crescimento extensivo estão se exaurindo.

Admitindo a baixa produtividade média e a necessidade de sua elevação, resta examinar os fatores que condicionam o aumento dessa produtividade. Basicamente, eles são os seguintes: 1) disponibilidade de recursos financeiros; 2) conhecimento tecnológico; 3) grau de adestramento da mão-de-obra; 4) economias de escala; 5) funcionamento do sistema de preços; 6) estabilidade da moeda; 7) estabilidade das regras econômicas; 8) funcionamento do mercado de capitais e 9) sistema tributário.

### b) Preços instáveis

Ainda que todos esses fatores sejam importantes para o aumento da produtividade, especialmente, a interação entre eles; para fins desse documento é destacado o fator “funcionamento do sistema de preços”. A agricultura brasileira tem vários exemplos que confirmam a associação positiva entre estabilidade do preço do produto e aumento da produtividade. Em outras palavras, produtos com preços estáveis aumentam, significativamente, a produtividade. Isto é fácil explicar porque com preços estáveis, a renda também é estável, viabilizando investimentos em tecnologia e, por consequência, aumentos de produtividade.

O exame dos dados da Tabela 1 indica grande instabilidade do preço do leite C cota-consumo no período 1991/93. A diferença entre o maior preço (junho) e o menor

(dezembro/janeiro) é 28%. Por outro lado, esse comportamento reflete a sazonalidade da produção, visto que a diferença entre a menor produção (junho) e a maior (dezembro/janeiro) é 45%.

O diagnóstico anterior é, com certeza, ruim para o produtor especializado e, pode também ser ruim para a indústria laticinista. O produtor especializado caracteriza-se por produção e custos estáveis ao longo do ano; porque variações do preço do leite causam sérios desequilíbrios em seus negócios. Do lado da indústria, o funcionamento com quantidades irregulares resulta em capacidade ociosa e elevação dos custos de industrialização. Entretanto, a lógica desse raciocínio pode não funcionar para a indústria se considerar a hipótese de importações com preços baixos artificialmente (leia-se subsídios) de derivados lácteos. Aí, o que era ruim para a indústria passa a ser um bom negócio. Deve-se registrar que o consumidor final não apropria dos possíveis benefícios da importação subsidiada, visto que os derivados lácteos não reduzem seus preços nos períodos em que as importações são realizadas.

A solução dos problemas causados pela produção sazonal passa, necessariamente, pela crescente participação do produtor especializado na oferta total de leite. O caminho natural é a valorização da cota de produção no período fora dela.

Considerando a produção dos meses de junho, julho, agosto e setembro como formadores da cota, existe um excesso médio nos oito meses restantes de 28%. O volume de leite extra-cota é de tal grandeza que viabiliza uma política de preços estáveis, durante todo o ano, para o leite cota, ficando o ajuste do mercado sobre o preço do leite extra-cota.

Fechando a porta das importações subsidiadas no país de origem, o caminho fica mais curto em direção ao produtor especializado, a redução de custo de produção e a queda do preço do leite, sem contudo reduzir o lucro do produtor, porque ele compensará com o aumento da produtividade.

### **c) Natureza do Investimento**

Ao contrário de outras atividades do setor agropecuário, tais como hortaliças e culturas anuais onde o capital investido retorna rapidamente, na pecuária leiteira existe um longo período entre a realização de um investimento e seu retorno. Apenas para citar um exemplo, investimentos na melhoria da qualidade do rebanho demoram, em média, de 4 a 5

anos para serem realizados. Essa característica requer uma perspectiva maior de estabilidade do mercado para estimular investimentos na atividade. A realidade brasileira mostra que a grande instabilidade do preço do leite e, por conseqüência, da renda do produtor, faz com que o criador especializado seja um amante do risco.

#### **d) Produto perecível e produção atomizada**

De todos os produtos do setor agropecuário o leite é, com certeza, o que tem maior perecibilidade. Isso representa uma grande perda de poder de barganha do produtor. A retenção de estoque que em outros produtos é uma arma do produtor, no caso do leite é, praticamente, inviável. Arelado a essa característica vem a produção atomizada. A combinação destas especificações, deixa o produtor com pouca margem de manobra nas negociações sobre o preço de seu produto. O mercado do leite, no segmento de produção é tipicamente concorrencial, enquanto nos segmentos da indústria de insumos e da indústria de laticínios ele é oligopolizado. Essa estrutura do mercado deixa o produtor numa situação em que ele é apenas um tomador de preço, enquanto os que estão a jusante e a montante têm condições de influenciar o preço considerando seus custos mais os lucros.

### **3. DESEMPENHO RECENTE DA PECUÁRIA LEITEIRA**

Apesar das enormes dificuldades enfrentadas pelo produtor de leite brasileiro, sua produção aumentou, significativamente, nos últimos anos.

No período de 1980-94, enquanto o preço recebido pelo produtor caiu 3,39% ao ano a produção aumentou 2,92% ao ano. Parte significativa da explicação dessa aparente contradição está no aumento da produtividade do rebanho (Tabela 2). Nesse período a taxa de crescimento da produtividade, medida em litros de leite/vaca ordenhada, aumentou 1,40% ao ano. Considerando que no País existem 19,70 milhões de vacas ordenhadas, o crescimento anual de 1,40% passa a ser significativo.

Em 1994 a produção estimada pelo MAARA/SPA foi de 16,7 bilhões de litros de leite, o que representa um acréscimo de 3,73% em relação a 93. Este resultado é relevante considerando a ocorrência de geadas e depois estiagem nas principais regiões produtoras. Em 94 o comportamento do preço recebido pelo produtor foi diferente antes e depois do

plano real. Até julho os preços foram inferiores aos de 93, porém após julho o preço efetivamente recebido pelo produtor aumentou, em razão da queda da inflação.

O abastecimento do mercado brasileiro de leite e derivados, em 1994, merece ser examinado com mais profundidade. Fazem parte desta análise os seguintes argumentos: a) o abastecimento foi normal durante todo o ano, a despeito do aumento de demanda provocado pelo plano real; b) as geadas e a prolongada estiagem afetaram muito os sistemas de produção baseados em pastagens; c) as importações de derivados lácteos foram os menores dos últimos anos (Tabela 3); d) o preço ao consumidor permaneceu constante desde o início do plano real. Aliás, em alguns mercados esse preço chegou a cair. A combinação desses argumentos leva, naturalmente, a conclusão que a pecuária leiteira brasileira apresentou excelente desempenho em 1994. Isto é o reflexo de que os sistemas de produção mais tecnificados ocupam espaço, cada vez maior, na oferta de leite.

#### **4. DANO DE COMPETIÇÃO DESIGUAL**

No início dos anos 90, o Brasil passou a adotar uma política mais liberal em relação ao mercado internacional. Essa postura vem se aprofundando com o passar dos anos, chegando hoje a receber críticas sobre seu ritmo, visto que nos últimos meses o saldo comercial tem apresentado “deficit”. Em realidade as críticas não são contra o modelo, mas sim contra a forma que vem sendo conduzido. Mesmo porque o mercado internacional continua com preços artificiais em razão dos elevados subsídios. Além disso, os países desenvolvidos, como os EUA, continuam a impor pesadas taxas nas importações, como acontece com o suco de laranja brasileiro.

O mercado internacional do leite é muito distorcido em razão dos países ricos adotarem políticas que protegem, excessivamente, seus produtores. Em consequência desta postura, há super-produção e o mercado está quase sempre abarrotado de derivados lácteos, que para serem exportados necessitam de pesados subsídios. Os países da CEE são os que mais praticam tais procedimentos e, são também os que mais exportam derivados do leite para o Brasil.

Diante dessa realidade cabe, por parte do País importador, a colocação de imposto de importação para compensar a redução artificial do preço do produto no País exportador.

Para ilustrar a argumentação anterior examina-se, a seguir, alguns dados referentes a importação de leite em pó da CEE. Nos últimos anos o produtor europeu recebeu o equivalente a US\$ 0,35/litro de leite. Esse preço permaneceu, praticamente constante em todos os meses do ano. Considerando a relação de 10 litros de leite para a fabricação de 1 kg de leite em pó, chega-se a um custo de US\$ 3,50/kg, somente com a matéria-prima. Agregando a esse valor o custo da industrialização, em torno de 25%, resulta num custo US\$ 4,37/kg de leite em pó. Evidentemente que, com esse preço não há comprador, daí os pesados subsídios.

Ainda em relação ao preço de exportação do leite em pó da CEE, vale o registro que ele é a metade do preço do leite em pó comercializado dentro da própria CEE, comprovando a idéia dos enormes subsídios para exportação. É importante ressaltar que a CEE pela sua participação no mercado internacional de leite em pó ela influencia no preço de todo o mercado.

Quanto à avaliação do dano da importação subsidiada, um dos aspectos é o deslocamento, para menos, da produção potencial no País importador. Em outras palavras, a importação com preços subsidiados inibe o crescimento da produção nacional em níveis socialmente desejáveis. Isto porque, o preço subsidiado sendo muito baixo, inviabiliza sistemas de produção cujos custos de produção são maiores que tais preços.

Em relação ao deslocamento da produção, o cálculo do dano é feito multiplicando-se a quantidade importada pelo preço do produto no mercado importador. Alternativamente, pode-se calcular o dano multiplicando a quantidade importada pelo custo de produção do País importador. Isto porque, no longo prazo, o preço iguala ao custo. Adotando-se a alternativa de cálculo baseada no custo de produção, tem a vantagem de determinar o deslocamento da produção nos diferentes estratos de produtores. Isto é, os produtores com custos de produção mais elevados são, naturalmente, mais afetados com as conseqüências da importação subsidiada. No Brasil têm custos mais elevados os pequenos produtores, com baixa produtividade. Isto significa que importações subsidiadas têm efeitos distributivos perversos.

No caso do Mercosul a questão é diferente da CEE visto que praticamente não há subsídios nos países que participam do Mercosul. Comparando-se a situação do Brasil com Argentina verifica-se que o preço recebido pelo produtor brasileiro é 18% maior que o

argentino. Entretanto, o preço pago pelo consumidor brasileiro é apenas 7% maior que o argentino. Entre as razões desse comportamento dos preços ocupa posição de destaque a carga tributária, que no Brasil é muito maior. Nestas condições também é desleal a competição. A conclusão inevitável dessa comparação é que o Brasil tem condições de competir com leite, no Mercosul, desde que ocorra uma redução significativa de carga tributária que incide sobre esse produto.

## 5. PERSPECTIVAS DO SETOR LEITEIRO

As perspectivas para o setor leiteiro brasileiro são boas, caso não apareçam interferências externas que dificultem a tendência de melhoria do setor. Ainda há um longo caminho a percorrer no sentido da modernidade dos sistemas de produção. Entretanto, não se pode ignorar os avanços conseguidos por um número cada vez maior de produtores. Os aumentos de produção e de produtividade e a queda dos custos de produção, verificados nos últimos anos, são argumentos suficientes para prognosticar bom desempenho do setor leiteiro.

A estabilidade econômica, iniciada no segundo semestre de 94, representa fator importante de desenvolvimento da pecuária leiteira. A estabilidade da economia traz em seu bojo estabilidade do preço do leite e, por conseqüência, da renda do produtor, que é pré-condição para o aumento da produtividade.

O avanço tecnológico da indústria de laticínio, ofertando novos produtos e reduzindo custos de produção, representa outro elemento que favorece previsões otimistas para o setor leiteiro.

Na análise do setor leiteiro brasileiro três agentes econômicos devem ser considerados: produtos, consumidor e governo. O elemento que compatibilizar os interesses do produtor e do consumidor é a tecnologia. Ela viabiliza produção a preços decrescentes, sem contudo reduzir o lucro do produtor.

Para o Governo, além das clássicas funções referentes a saúde, educação, geração e difusão de tecnologia, três outras são particularmente importante para o caso do leite: a) evitar concorrência externa desigual; b) monitorar a ação dos oligopólios, intervindo quando necessário e, c) fiscalizar o controle de qualidade dos produtos lácteos. A eficiência

do Governo no desempenho dessas funções é condição essencial para a modernização da pecuária leiteira brasileira.

Tabela 1 - Índice de quantidade de leite recebido pela indústria e de preço recebido pelo produtor. Dados referentes ao Brasil no período 91/93

Meses	Índice de Quantidade	Índice de Preços
Junho	100	100
Julho	100	90
Agosto	101	82
Setembro	101	82
Outubro	118	79
Novembro	131	78
Dezembro	145	73
Janeiro	144	72
Fevereiro	128	79
Março	129	86
Abril	117	96
Maio	112	97

Observações: a) Dados básicos de quantidade foram extraídos da Pesquisa Mensal do Leite - IBGE.  
b) Dados básicos de preço corrigidos pelo IGP-DI.



Tabela 2 - Índices da produção total de leite do Brasil e do preço recebido pelo produtor de leite C

Ano	Produção	Preço
1980	100,00	100,00
1981	101,45	101,49
1982	102,68	83,43
1983	102,69	80,71
1984	106,90	74,08
1985	108,21	70,48
1986	111,91	67,80
1987	116,43	82,29
1988	121,14	65,38
1989	126,27	59,65
1990	129,76	54,54
1991	135,09	53,41
1992	141,40	57,97
1993	144,24	56,92
1994	149,61	61,66

Fonte: Produção - IBGE.  
Preço - SUNAB e Cooperativas

Tabela 3 - Importações brasileiras de produtos lácteos. Dados em mil toneladas

Especificação	1990	1991	1992	1993	1994
Leite em pó integral	23,2	30,9	16,9	25,4	1,2
Leite em pó desnatado	34,3	63,0	13,6	25,0	3,6
Manteiga	7,5	12,7	5,9	8,8	4,6
Queijos	21,7	15,3	2,5	8,0	0,8

Fonte: MARA/SPA.